

Mensagem 154

Moscovo (Rússia), 7 de Setembro de 2008

Acerca do inferno que mantém a humanidade na escravidão – Esta psique separativa chamada “Eu”

Existe o contrato social ou o acordo de entregarmos uma parte da nossa liberdade em troca de benefícios e das satisfações de viver numa sociedade ordenada. Diferentes estruturas de poder e autoridade existem em diferentes sociedades e essas diferenças dão origem a conflitos, invejas, ideologias, perseguições, políticas e procuras de poder. A procura de liberdade ou sua entrega parcial ou suas modificações – todas emanam das limitações e da servidão do “Eu” e das suas actividades egoístas devido às suas pretensões e buscas intermináveis. A projecção do “Eu” ilusório a partir das disposições de base da consciência separativa é a condição humana, que perpetua e preserva todos os paradoxos, preconceitos, pressões e poluições da psique humana. A liberdade que o “Eu” possui é apenas liberdade de ajustar periféricamente ou embelezar parcialmente as suas dependências. A liberdade do “Eu”, basicamente, leva a guerras e assassínios em massa sob as bandeiras do nacionalismo, religiões, gurus, seitas, cultos e de outras máfias políticas. O conhecimento que o “Eu” reúne, não pode libertar, mas pode criar novos cativeiros. Por exemplo, neste país, ideias marxistas desviaram pessoas da escravidão dos czars para a escravatura de Estaline e do seu bando. A chamada liberdade política provocada pelo “Eu” dos ideólogos de Gandhi na Índia, em última análise, acabou em explorações horríveis por políticos corruptos e burocratas. A liberdade formulada pelo “Eu” é idiota e superficial e assim não pode provocar uma mudança radical ou transformação fundamental nos seres humanos.

A liberdade absoluta e mais profunda é a liberdade da entrega! Mas a rede de escravidão e de fardos do “Eu ” não permite que os seres humanos estejam disponíveis para esta liberdade incondicional da entrega. Esta falta de liberdade é a maior condição de miséria, dor, tristeza e sofrimento dos seres humanos. A liberdade da entrega, implica uma total abnegação e a recusa da fictícia autoridade psicológica interior (A condição do “Eu”). Isso não significa que passemos a depender das escrituras ou de charlatães espirituais, de livros e carros de propaganda de supostos paramhansas, maharshis ou outros chantagistas. Por favor, compreendam que quando alguém diz “Eu entreguei-me”, na verdade, essa pessoa descobriu alguém ou alguma ideia ou algo do

qual ela vai depender psicologicamente. Se alguém diz “eu sou livre”, então essa pessoa não é livre, porque esse “Eu ” é a própria escravidão. Liberdade consiste em ver simplesmente, sem permitir que aquilo que é visto seja explicado pelo pensamento ou interpretada por palavras. O pensamento é o verdadeiro vilão e o tirano que bloqueia a percepção e a consciência, gerando assim escravidão humana. Recusar todo o “querer ser”, leva a uma liberdade extraordinária. Ser livre para se entregar, é ser verdadeiramente religioso. Isso significa não ser limitado pelos impulsos separatistas da nossa consciência, isto é, ser parte integrante e responder à totalidade da vida.

Aquele que é verdadeiramente livre é capaz de Amor. Existe uma espécie de amor que é puramente uma emanção, uma força de vida proveniente do ser interior e que é desprovida de dualidade. Para este amor surgir, uma pessoa deve ser livre, o que significa ser uma pessoa que age, não uma pessoa que reage, alguém que tenha entendido e ultrapassado todos os tipos de escravidão e dependências, toda a autoridade interior e exterior.

Viva a entrega